

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Não existe dramaturgia brasileira sem elas

Laura Cardoso (na verdade, Laurinda de Jesus Balleroni), nasceu em São Paulo, em 1927. Nilcedes Soares de Magalhães (mais conhecida como Glória Menezes) nasceu em Pelotas, em 1934. Diferença de quase uma geração, mas a morte reuniu-as quase numa única data: 17 e 18 de agosto de 2026, a primeira na mesma São Paulo de nascimento, a segunda no Rio de Janeiro, onde vivia nos últimos anos, sobretudo depois da morte do companheiro, o também ator Tarcísio Meira. Laura era viúva, igualmente, de um artista, o ator, roteirista e diretor Fernando Balleroni. A contrário do que é muito comum no meio artístico, ambas mantiveram um único casamento, ao longo dos anos. Laura não chegou a ter filhos; Glória nos deixou o também ator Tarcísio Filho.

Ambas nonagenárias, falar destas atrizes não é relembrar suas histórias individuais, mas contar a própria história das artes cênicas brasileiras, do teatro, em geral, ambas passando pelo rádio (caso especial de Laura Cardoso) e sobretudo da televisão, em que foram sempre pioneiras. Neste quase um século, o Brasil e o mundo viveu experiências as mais radicalmente diversas, de que elas foram personagens ativas.

Laura Cardoso começou no rádio, descobriu o teatro e depois foi-se repartindo entre televisão e teatro. Estreou quando a TV Tupi estreava o teatro na televisão (ainda não se chamava teleteatro): era tudo ao vivo. Ela viveu a Cosette de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, e esteve em *As pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Diniz. Não foi necessariamente a mocinha. Na verdade, um saldo de sua carreira a coloca mais responsável por papéis antipáticos e maldosos, mas isso não impediu que ela se destacasse em interpretações cômicas inesquecíveis. Eis a sua versatilidade.

Da TV Tupi à Band, passando pela Cultura e, enfim, estabelecendo-se na Globo, Laura Cardoso chegou ao teatro já veterana, aos 32 anos de idade: mas dali não saiu nunca mais, ganhando, dentre outros, o Prêmio APCA de Melhor Atriz de Teatro. Cheguei a assisti-la em *Veredas da salvação*, peça de Jorge Andrade, no papel de Dolor, que Lélia Abramo encarnaria no

cinema. Mas talvez o melhor prêmio que ela poderia receber foi o fato de morrer por causas naturais, enquanto dormia...

Glória Menezes, pelo que se noticiou, também morreu de morte natural, em casa. Após a aposentadoria do casal que formava com Tarcísio Meira, haviam se fixado no interior de São Paulo, onde adquiriram uma fazenda e se dedicaram à criação de cavalos. Durante a covid-19, ambos foram internados, e Tarcísio infelizmente veio a falecer. O casal tinha data marcada para uma temporada no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, quando a doença obrigou ao fechamento de todos os teatros. Com a morte de Tarcísio, a peça foi cancelada, e Glória mudou-se para o Rio de Janeiro.

A atriz viveu personagens marcantes no teatro, como Abigail Williams, em *As feitiças de Salém*, de Arthur Miller; foi a Duquesa de York, em *Ricardo III*, de Shakespeare e em duas ocasiões diferentes viveu a Maude de *Ensina-me a viver* (a peça que viria a Porto Alegre, já com data marcada, não fora a morte de Tarcísio Meira). Na televisão, dentre outros papéis, foi Lara, de *Os Irmãos Coragem*, Fernanda em *Malu Mulher* e Laura, em *Rainha da sucatas*.

Glória Menezes tanto vivia papéis dramáticos, quanto cômicos. Podia ser uma simpática personagem ou uma bandida. Em *Irmãos Coragem* veio a consagração, mas ela continuou se revelando: a engraçada Jordana, em *Jogo da vida*, a engraçadíssima Roberta Leone, em *Guerra dos sexos*, onde ela contracenou com Tarcísio pela primeira vez, em uma comédia. Em 1990, porém, tornou-se a vilã, como em *A próxima vítima*.

Certamente, cada leitor destas linhas terá uma (ou várias) memórias de cada uma destas atrizes extraordinárias. Mais o que mais vale registrar aqui, muito de passagem, é que as histórias do teatro, a história do rádio teatro e a história da telenovela brasileiros não poderiam ter sido escritas sem a participação destas duas artistas. Elas iluminaram nossas vidas com seus personagens e certamente agora vão acalantar nossas memórias. A história da dramaturgia brasileira não existe sem elas.

acontece



Canção *My Place in History* foi inserida em caixa que só será aberta no centenário da cantora

Dolly Parton deixou canção inédita em cápsula do tempo até 2046

A lenda da música country Dolly Parton deixou ao menos uma canção inédita antes de morrer, mas será preciso esperar duas décadas para ouvi-la. A artista morreu na última terça-feira, aos 80 anos, após uma batalha contra o câncer.

Em 2022, Parton contou no programa *The Kelly Clarkson Show* que havia gravado uma canção secreta para celebrar a inauguração do DreamMore Resort, do seu parque temático Dollywood, em 2015. A música se chama *My Place in History* - Meu Lugar Na História, em português.

A canção foi colocada, junto com aparelhos de CD e de fita cassete, dentro de uma caixa de madeira. A cápsula do tempo foi exposta numa vitrine de vidro no DreamMore Resort. Ela só deverá ser aberta em 19 de janeiro de 2046, quando Parton completaria 100 anos.

“Tive de escrever uma música que ninguém ouviria até lá. E vou lhe dizer: você não faz ideia do quanto isso tem me incomodado. Tenho tanta vontade de ir lá desenterrá-la e penso: ‘Bem, preciso usar essa música, porque, sabe como é, é uma música muito boa’”, disse ela a Clarkson.

Parton temia que a própria gravação talvez não sobrevivesse à passagem do tempo, mas afirmou que, se isso acontecesse, esperava que a gravação fosse especial.

Inaugurado com esse nome em 1986, o Dollywood é um parque temático situado em Pigeon Forge, no Tennessee, próximo às Great Smoky Mountains - região onde Parton nasceu e cresceu. Além de montanhas-russas e atrações típicas, o parque destaca a cultura dos Apalaches, com música country e gospel, apresentações, gastronomia e demonstrações de artesanato tradicional.

Causa animal motiva evento de literatura e artes visuais na Ufrgs

Para celebrar e incentivar a adoção responsável de animais domésticos, o último dia de visitação do painel *A alegria é um lugar possível*, de Leandro Selister, é marcado por uma programação especial no Centro Cultural da Ufrgs (Eng. Luiz Englert, 333). Na sexta-feira, às 16h, a ONG Caramelos do Vale, ação de extensão da Universidade que atua no resgate, acolhimento e adoção de cães abandonados, realiza uma edição do Sebo de bolso dos caramelos, que ajuda a financiar o projeto. Na ocasião, Selister disponibiliza para venda seu livro homônimo, que conta a história da adoção da vira-lata Chica, bem como uma tiragem limitada de *prints* do desenho do mural. A entrada é gratuita e aberta à comunidade.

Parte do valor arrecadado com a co-

mercialização do livro de Leandro e com as reproduções, numeradas e assinadas, do desenho do painel, será destinada à Caramelos do Vale, que completou quatro anos de existência em 2026. Os desenhos de Selister são uma forma de registro do trabalho feito ao longo dos últimos meses junto à ONG.

O painel foi produzido dentro do escopo do projeto Grafite de Giz, que, desde 2019, desafia artistas e coletivos a explorarem as potencialidades de uma ferramenta pouco habitual em seus trabalhos: o giz, ilustrando o painel de grandes dimensões localizado no térreo do Centro Cultural. A proposta também se caracteriza pela efemeridade, uma vez que as obras são apagadas a cada dois meses, para dar espaço a novas participações.